

SECA DOS GALHOS DA FIGUEIRA

O. A. DRUMMOND

(Do Depto. de Biologia)

Em Agosto de 1941 recebemos material de Figueira (*Ficus carica* L.) atacado de doença, colhido em culturas da Estação de Enologia de Caldas, Sul de Minas, por seu diretor, dr. Amynthas de Assis Lage. Tratando-se de uma doença considerada séria na Europa e ainda não constatada entre nós, passamos a dar aqui alguns dados para seu reconhecimento e orientação das pessoas interessadas no assunto.

Síntomas — A doença se manifesta nos galhos mais desenvolvidos da planta (de acordo com o material recebido) ocasionando zonas mortas, secas, alongadas no sentido do comprimento, bastante profundas, podendo atingir toda a secção transversal do galho (Fig. 1). Externamente, a doença é pouco aparente, tendo chamado mais a atenção em Caldas, na época da poda, em virtude da madeira morta evidenciada em galhos podados. A casca que recobre as partes mortas pela doença se apresenta também seca e muitas vezes, se destacando com facilidade (Fig. 2). O que caracteriza bem a doença, é, contudo, a presença de numerosos pontos escuros pouco salientes, na parte morta da casca, à primeira vista difíceis de se distinguirem das lenticelas e asperezas naturais da casca sã (Fig. 2). Estes pontos assim agrupados em grande número correspondem às pontas salientes dos picnídios do fungo causador da doença, imersos na parte atacada da casca. Observando-se com bastante cuidado a extensão da lesão, nota-se uma pequena depressão limitando a casca sã da doente, mostrando-se esta ligeiramente deprimida em toda sua extensão. Daí esta doença ser conhecida na literatura inglesa e francesa como «cancro da figueira».

Em resumo, a doença é facilmente reconhecida no campo pela presença de casca e madeira morta nos galhos, recobertas por numerosos pontinhos escuros, pouco salientes.

Importância

Como este foi o primeiro caso observado e prontamente eliminado, não temos dados seguros sobre o comporta-

mento da doença sob nossas condições. Segundo Arnaud (1), a doença causa grandes prejuízos na França. Este autor considera-a a única doença criptogâmica importante em Montpellier, onde ela ataca os ramos novos da planta em toda sua extensão, matando-os e também causa grandes cancos nos troncos e ramos grossos. Estes cancos evoluem durante anos e a zona morta pode atingir vários dms. de comprimento. Até troncos de 15 a 20 cm. de diâmetro são contornados por cancos, morrendo as partes superiores.

Apesar da figueira ainda não constituir uma cultura de grande valor econômico entre nós, oferece contudo, bastante possibilidades e é objeto de interesse de todo possuidor de pomar doméstico. Já que esta doença foi constatada em Minas, é útil saber-se o seu reconhecimento e como pode ser combatida.

Distribuição geográfica

Segundo a literatura consultada, esta doença tem sido constatada apenas na França, Inglaterra e Itália. Mesmo nos Estados Unidos, onde a Figueira é objeto de intensa exploração, ela ainda não foi constatada, aparentemente, seg. carta dr. H. H. Whetzel, de Cornell, Nova York. Assim, é provável que esta seja a 1ª. vez que a doença é constatada na América.

Etiologia

O exame microscópico das partes afetadas da planta mostra a presença de inumeros picnídios de um fungo, formados em uma única camada sob o periderma do caule. Estes picnídios se apresentam achatados, prolongando-se para o exterior por pequenas elevações, recobertas externamente de filamentos extéreis escuros (Fig. 3-c). Tais elevações ou rostros, comportam o ostiolo, que põe em comunicação o exterior com o interior do picnídio. As paredes internas dos picnídios são atapetadas por conidióforos hialinos, dispostos densamente em palissada. Cada conidióforo suporta um conídio hialino, unicelular, de forma alongada, às vezes mais dilatado numa ponta, medindo 11,4 x 1,2 micra, em média. (Fig. 3 a e b). Outro tipo de conídio também encontrado tem a forma globoide, hialino e é muito menor que o 1º, com mais ou menos 1 micra de diâmetro.

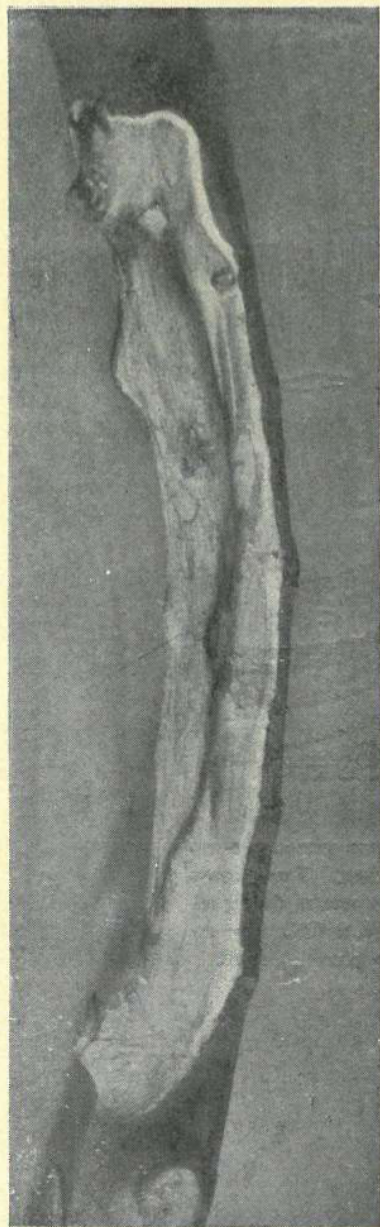


Fig. 1 — Ramo de figueira atacado pela seca, com a casca retirada, vendo-se a parte lenhosa morta, x $4/5$.

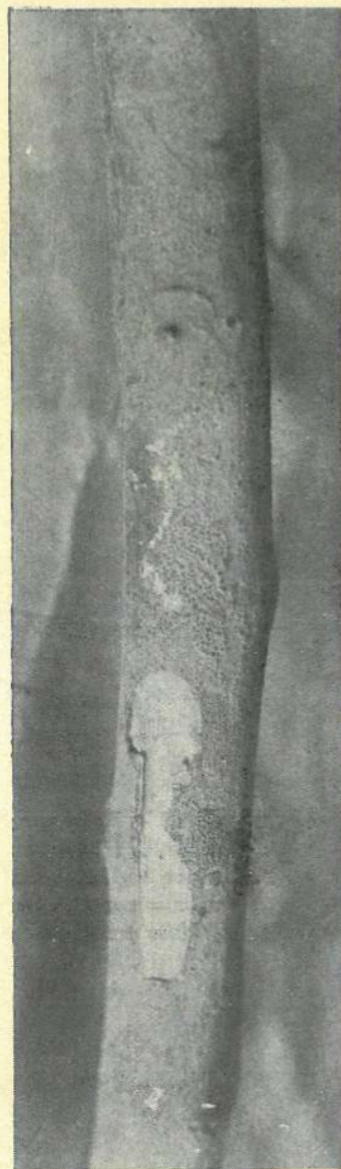


Fig 2 — Ramo de figueira mostrando seca, causada pela *Phomopsis citrifascens* (Sacc.) Trav, x $4/5$.

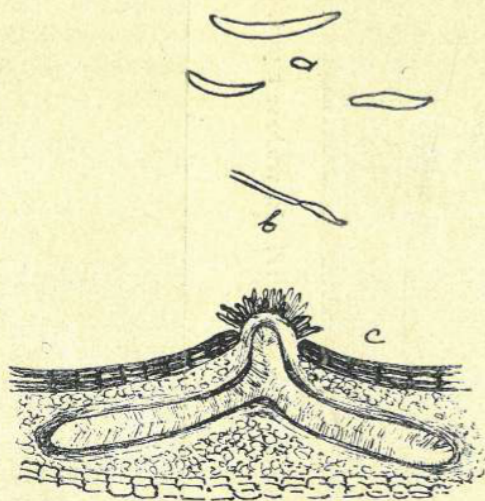


Fig. 3 — Desenho esquemático dum picnídio e conídios da *Phomopsis cinerascens* (Sacc.) Trav., imerso na região cortical externa dos ramos da figueira. a = conídios maiores do fungo, x 1052; b = conídio preso ao conidióforo; c = picnídio, x 110.

Estes caracteres coincidem bem com os de *Phomopsis cinerascens* (Sacc.) Trav. dado, desde 1876, como o causador da doença, por Saccardo, na Itália. Salmon e Ware, 1916, demonstraram o poder patogênico do fungo, inoculando culturas puras deste organismo em plantas sãs e obtendo daí a manifestação da doença (1). As medidas dos conídios maiores dadas na literatura para esta espécie são 6,5 - 13 x 2,4 - 3,6 micra mostrando-se assim o nosso material, com conídios algo mais finos.

A forma perfeita deste fungo foi descrita também por Saccardo, em 1882, como *Diaporthe cinerascens*, Syll. Fung. 1 (1882). pag. 679. (1) Nosso material revelou somente a forma imperfeita de *Phomopsis*.

Combate

Devido a não disseminação ainda da doença no território do Estado, é conveniente uma poda rigorosa nas plantas atacadas, em qualquer época do ano em que for registrado o ataque, pincelando-se as feridas formadas com pasta bordalesa. Serão convenientes também pulverizações de 15 em 15 dias no pomar, com a calda bordalesa, evitando-se assim o estabelecimento de novas lesões por meio dos conídios do fungo espalhados antes da poda dos galhos atacados. Tratando-se de uma nova doença de planta, faz-se mistér a comunicação de seu achado para a Divisão Sanitária Vegetal ou para esta Escola, para que se tomem as medidas necessárias para a prevenção à disseminação da doença.

SUMMARY

The author describes the seriores disease «Fig canker» caused by *Phomopsis cinerascens* (Sacc.) Trav. attacking fig stems in Caldas, Sul de Minas, Brasil. No references of the presence of the disease in América were found before.

BIBLIOGRAFIA

- 1) ARNAUD, G. et M. — Traité de Pathologie Végétale, T. I., pg. 1675, 1931.
- 2) BROOKS, F. T. — Plant Diseases, pg. 304, 1928.